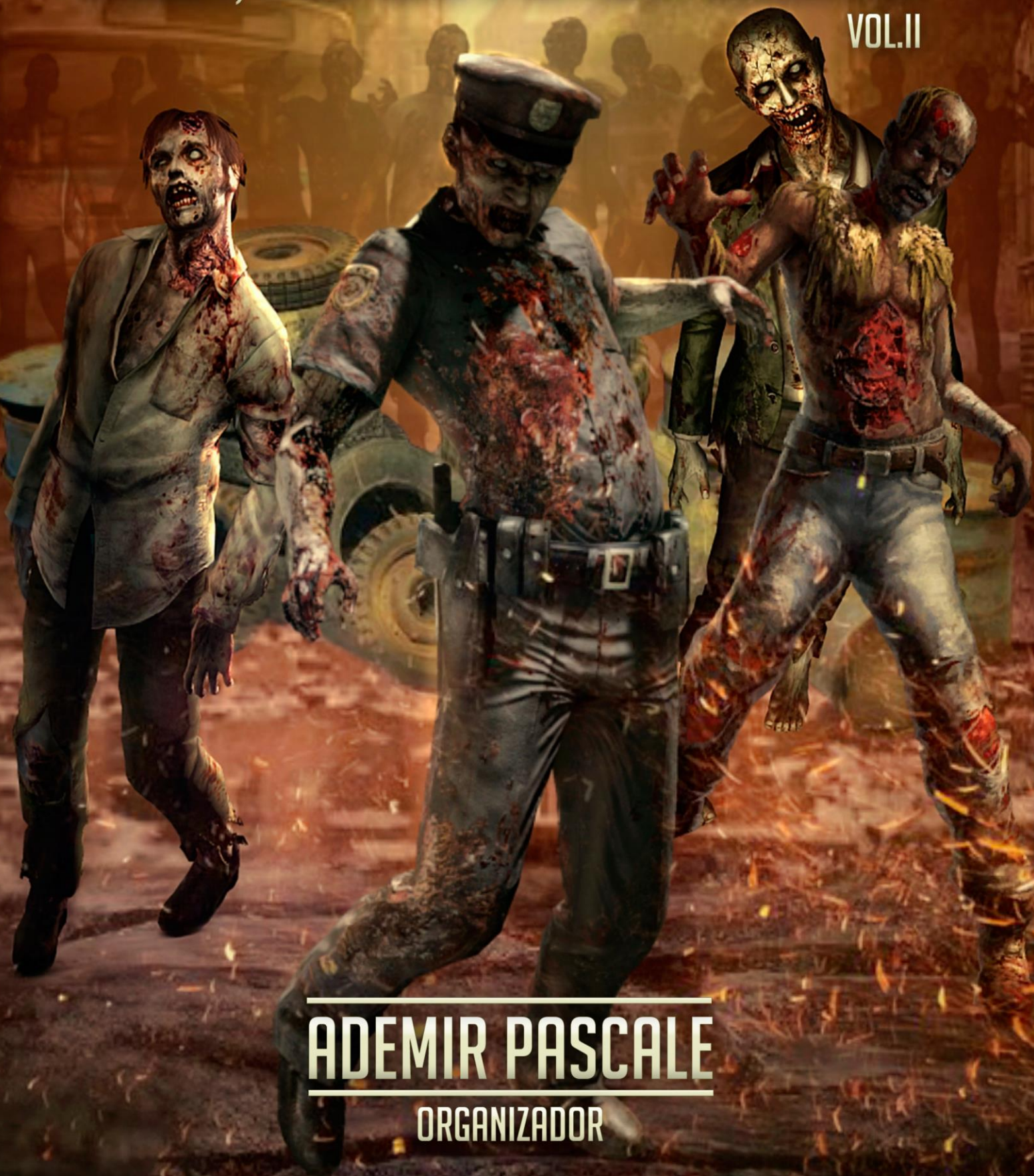


O LIVRO DOS CONTOS **MORTOS-VIVOS**

ZUMBIS, VAMPIROS E OUTROS MONSTROS

VOL. II



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS

Meine apokalypse, por Bruno M. Garcia, pág. 05
Eu só queria escrever uma história de terror!, por Chico Araújo, 12
Lembranças, por Eduardo Henrique, 18
Duelo de bestas, por Henrique Valente, pág. 20
A maldição da múmia, por Ney Alencar, pág. 25
Nosferatu, por Ney Alencar, pág. 31
Na goela do diabo, por Roberto Schima, pág. 36
Conheça outros títulos da coleção, pág. 44

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura
www.facebook.com/conexaoliteratura





A cadavérica palidez da pele e o brilho agora sobrenatural dos olhos, acima de tudo, surpreendiam-me e até me aterravam. O cabelo sedoso também tinha crescido descuidadamente e como, por causa da textura muito fina, flutuava em vez de cair nos lados do rosto, eu não conseguia, mesmo com esforço, vincular sua expressão fantástica com qualquer ideia de simples humanidade.

— Edgar Allan Poe – A Queda da Casa de Usher



APRESENTAMOS O CONTO **MEINE APOKALYPSE**

Por Bruno M. Garcia

Sobre o autor: É sócio-fundador e CEO no centro de soluções linguísticas Black'n'White Language Solutions. Com vasta experiência em Pesquisa & Desenvolvimento, notavelmente na área de comunicação, Bruno escreve há mais de dez anos em capacidade profissional, tanto em inglês quanto português. Ao se especializar em copywriting e, principalmente, na escrita em prosa, Bruno Garcia desenvolveu um gosto crescente pelos contos. Hoje, suas produções figuram entre algumas das maiores publicações nacionais deste gênero textual.

Hamburgo, Alemanha, 2043.

Mãos para cima!
— Vendo que o outro não reagia ao comando, Wilhelm atirou.
— A bala calibre 5,56 mm penetrou o gramado a cerca de vinte centímetros do pé do sujeito, que, só então, parou e ergueu os braços.
— Vire-se! — gritou Willi.

Muito devagar, o homem deu uma volta completa, levantando as roupas para mostrar a cintura. Estava bem protegido contra o inverno rigoroso, mas aparentemente desarmado. Mesmo à distância, Wilhelm pôde observar que o invasor tinha quase dois metros de altura. Era também robusto, o que significava amplo acesso à proteína.

— *Kannibale!* — Willi disparou o fuzil silenciado, acertando ainda mais próximo das pernas. — Você tem cinco segundos para responder. Por que eu não te abato agora mesmo, comedor de gente?

Quatro. Três. Dois. Um...

— Marie! — esganiçou-se o estranho, projetando uma nuvem branca no ar congelante. — Lena-Marie Schweiger!

Wilhelm Otto Schweiger engasgou um gemido.

Apertou o gatilho.

* * *

Viena, Áustria, 2022.

Puxou a cana do leme, manobrando o veleiro.

O barco deslizou suavemente sobre o Danúbio, como um pato avantajado. Willi sempre apreciara a grandeza de navegar pelo segundo maior rio europeu. No mundo inteiro, era o que atravessava mais países: dez, no total.

— Por que não usa a roda, meu tesouro? — perguntou Hilda. — Vai ficar cansado.

Wilhelm evitava o timão, favorecendo um contato mais direto com o eixo.

— Estou bem — disse, sem tirar a atenção da filha.

Lena-Marie crescia rápido. Ganhara curvinhas instigantes, que puxavam os olhos de Otto contra sua vontade. Não eram muito pronunciadas... formas de menina.

— O que foi, minha doce criança?

Com os braços cruzados e um beijo que chegava quase nele, a filha o encarou, exibindo seus olhos cor de âmbar. Ele não permitia *smartphones* no rio.

— Querida. — Otto abriu a bolsa térmica para a esposa. — Hidrate-se.

Hilda considerou a *squeeze* e depois o marido, com uma patética cara de súplica. Wilhelm arremessou a garrafa na mulher.

— Beba — rosnou.

Antes mesmo que a esposa adormecesse sobre o banco de PVC, Otto já estendia a mão para Lena, que começara a se tremer toda... com certeza, de frio.

— Venha para a cabine com o papai, minha florzinha.

* * *

O projétil acertou bem no meio da clavícula esquerda, estilhaçando-a.

— *Scheisse!* — xingou Wilhelm.

Ele sabia que um homem comum morreria após um tiro de fuzil naquele lugar. No entanto, aquilo não era mais um “homem comum”. Ainda de mãos para cima, o invasor girou a tempo de ver a coisa se erguendo. O ser torcia a cabeça e guinchava. Suas feições, outrora humanas, distorciam-se em uma ira feral. Tufos longos e cinzentos escorriam pelo escalpo. Do corpo seminu pendiam lascas apodrecidas de carne e pele.

Sem mais se preocupar em esgueirar-se até a presa sorratamente, a criatura avançou aos saltos na direção do intruso.

Otto disparou três vezes.

No tórax, para retardar o avanço; no pescoço, rompendo a cervical e causando estagnação; e na ponte do nariz, para explodir o maldito cérebro persistente.

Quatro balas. Um infectado. Wilhelm estava ficando velho.

* * *

Atracava a pequena embarcação quando percebeu os berros.

Lena-Marie arregalou os olhos e abraçou a mãe que, ainda sonolenta, se apoiava nela. Otto franziu o cenho, tentando identificar de onde surgiam as vozes. Concluiu ser impossível localizá-las. Vinham de toda parte.

— Fiquem no veleiro — disse, buscando a machadinha.

O céu escurecia, trazendo a ameaça da noite. Assim que pisou no atracadouro, ele avistou a primeira pessoa. Corria pelo píer, em sua direção. Coberta de sangue.

— Fique onde está! — gritou, erguendo a arma improvisada.

— Senhor — gaguejou a mulher. — Por favor. Fui atacada! Leve-me com vocês.

Sacudia as mãos loucamente em frente ao rosto.

— Papai! — chamou Lena, do barco. — Deixe-a vir conosco. Ela está ferida!

Willi abaixou a lâmina, e a moça acelerou, pulando para dentro do veleiro.

Cada vez mais altos, os berros os alcançavam. Atravessavam o Danúbio, deslizando pela superfície, vindos das casas na margem direita; muitas delas, em chamas. Pessoas entravam na água e nadavam, sem rumo.

Chegando ao cais, Otto começou a compreender a magnitude do caos. Os sempre civilizados cidadãos de Viena se voltavam uns contra os outros. Girou, deixando cair a machadinha, que escorreu por dedos perplexos.

Viu um homem esfaqueando alguém com uma violência ensandecida. Grunhia feito animal. Outro, atirava de forma indiscriminada nos que saíam da mata, não importando gênero ou idade. Uma idosa ajoelhada na grama uivava para o céu, segurando os restos dilacerados de uma criança nos braços. Quando uma silhueta se esgueirou por trás dela e mordeu-a no pescoço, a jugular aberta lançou jatos escarlates, quase invisíveis na penumbra transitória.

O grito estridente da filha trouxe Wilhelm de volta a si.

* * *

— Muito bom — balbuciou o intruso, Leon Weber, de boca cheia.

Apesar do estoque amplo de enlatados que Otto acumulara, doía-lhe ceder as salsichas em conserva a um estranho. Alguns modos, porém, jamais lhe abandonariam.

— Diziam que carnes enlatadas durariam até cinco anos após a expiração da validade. — O visitante, outrora invasor, olhou para o teto do bunker. — Segundo essa previsão, teriam estragado há cerca de quinze anos. Suponho que estejamos no lucro.

Wilhelm grunhiu. A verdade era que havia perdido toda sua já limitada capacidade social quando encontrara o abrigo. Hamburgo ostentava um elevado número de casamatas da época nazista. Centenas. Ainda assim, Otto teve que travar três batalhas pelo bunker: uma para tomá-lo e duas para mantê-lo.

— Pois bem, grandalhão. — Willi tocou no fuzil sobre seu colo. — Hora de falar.

Weber raspou a lata com a colher, pescando os últimos fragmentos de salsicha.

— Certo. — Ele se remexeu no sofá. — Quer saber como eu conheci Marie?

— É um bom começo...

* * *

Desesperado, Wilhelm corria ao auxílio da filha.

Outros avistaram seu barco e quiseram-no. Lena estridulava, chamando pela mãe; Otto arrepiou-se ante o horror em sua voz.

E foi então que viu sua esposa sendo devorada.

Ao enxergar as entranhas de Hilda nas mãos da mulher a quem ofereceram ajuda, Willi usou a machadinha para matar pela primeira vez.

— Ei! — berrou, desalojando a lâmina da cabeça inerte. — Ei!

Um homem, que chegara ao veleiro sem que Wilhelm percebesse, se virou. Por um momento ficaram se encarando. Quem se moveu antes foi o estranho. Não houve tempo de golpeá-lo. Se agarraram horrivelmente, enfiando os dedos onde podiam para ganhar vantagem: na boca, nos olhos, entre as costelas...

Por fim, caíram ambos na água congelante do Danúbio.

Algo que chamava a atenção de Otto era a forma como conseguia se desligar de seu lado violento, quando a parte primitiva e reptiliana do cérebro tomava conta. Voltando a si, não lembrou direito o que havia ocorrido. Willi só sabia que o homem flutuava à sua frente e que ele mesmo ainda respirava.

Virou, procurando pelo barco. Não estava mais ali.

— Lena-Marie! — gritou, vendo-a se afastar pelo rio. — Espere, Lena!

Não enxergava direito, pois era uma noite sem lua. Mas o fogo que se espalhara pelas casas à margem, permitia que visse a filha em tons de marrom e laranja. Ela abraçava o próprio corpo, como se tivesse muito frio, observando-o.

Deu-lhe as costas.

* * *

— Naquele dia ela fugiu — continuou Weber. — Mas prometeu a si mesma que voltaria para te achar. E assim o fez. Porém, não te encontrou lá. O tempo passou e, como todos nós, Marie acabou se vendo emaranhada na luta contra os zumbis...

— Infectados — corrigiu Otto, se levantando e apontando o fuzil para o torso de Leon. — Responda às perguntas que eu te faço de forma direta. Como a conheceu?

— Marie é uma daquelas que não considera seguro ficar em certos lugares por períodos longos. Então ela caminhou e, depois, viajou. Sem jamais se esquecer de você, procurou em todas as cidades onde sabia que o pai poderia estar.

— Conheceram-se aqui?

— Isso. Não tenho o mesmo espírito aventureiro de sua filha. Estabelecemos um esqueleto de governo em um dos bunkers centrais de Hamburgo, o St. Pauli.

— Governo! — bufou Willi, enfiando o cano no peito do outro. — Poupe-me...

Não conseguiu terminar. Antes que pudesse perceber, Leon Weber se ergueu em um movimento preciso, tomando sua arma. Otto levantou as mãos, perplexo, mas o grande homem não pensou duas vezes: desceu a coronha do fuzil entre os olhos dele.

Quando acordou, ela estava logo ali. Na sua frente.

Lena-Marie.

Uma mulher feita. Mesmo através da roupa paramilitar, suas curvas refletiam isso. Usava o cabelo rente ao crânio, quase raspado. O rosto, duro e marcado. Uma larga cicatriz cortava a bochecha esquerda, chegando à boca.

Seus olhos âmbar continuavam iguais.

— Filha — balbuciou Wilhelm, forçando a visão. — Onde...?

— Ainda no seu bunker — falou Lena. — Que, agora, é nosso.

O grandalhão andou até ela e, então, sua filha se escorou nele.

— Weber — cuspiu Otto. — Seu *Hurensohn!*

Tentou se lançar sobre o intruso, mas estava amarrado de forma irredutível.

— Sabe, papai... — Lena-Marie não tirava os olhos dele. — Venho esperando por esse dia. Acho que temos alguns assuntos para resolver. Concorda?

— Você matou sua mãe! — urrou ele. — Ela foi comida viva, sua *Schlampe!*

— Traga o serrote — disse Lena para Weber, ignorando os impropérios.

— Não tenho medo de você, pirralha! Passei pelo inferno nesses vinte anos. Não tive a ajuda de uma comunidade. Sozinho. Ouviu bem? Sozinho!

— Vai ao banheiro? — perguntou a filha, acariciando os cabelos brancos do pai.

Wilhelm desviou o olhar.

— *Nein!* — Lena puxou a cara dele com violência, cravando as unhas no maxilar. — Vai escutar, olhando para mim. Sabe como é quando eu... vou ao banheiro?

Tentou virar o rosto, mas não pôde se livrar das garras.

— Você me destruiu — soprou ela ao ouvido, sua voz trêmula e raspada. — Me arreentou. Desde bem novinha. Qual era minha idade na primeira vez? Cinco anos? Começou com um dedo. Depois dois. Três. E então...

Lena-Marie encarou a região pubiana do pai.

— Mas isso... não bastou, não é? Logo enfiou coisas maiores em mim...

— Aqui está — interrompeu-a Leon, entregando um serrote enferrujado.

A mulher pareceu voltar a si, afastando-se de Willi. Pegou a ferramenta.

— Para ser honesta. Isso aqui é só um bônus. Vim a Hamburgo à sua procura e acabei achando algo melhor. — Lena tocou no ombro de Weber, que desafivelava o cinto. — Estamos reestruturando o governo. Mas nunca conseguiremos com as centenas de bunkers e seus moradores fanáticos guerreando entre si. Temos que tomar todos. Muitos estão cedendo através de negociações. Outros, à força. Imagine só a minha surpresa quando eu, ao investigar este bunker, descobri... você.

Sua filha virou a atenção para o outro. Weber resmungou, e os dois giraram Otto como um fardo de grama. Sua cara, agora amassada contra o piso de concreto.

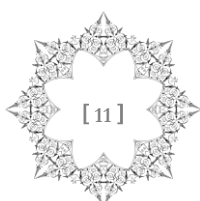
— Que eu me lembre, papai, você é bem-dotado. Pois saiba que o seu não se compara ao de Leon. Depois que vocês estiverem mais... *íntimos*, daí entra esse instrumento. — Lena-Marie bateu duas vezes o serrote no chão. — Com certeza já percebeu que Leon precisa de muita proteína. Um dia vamos banir o canibalismo. Mas, por enquanto, é um mal necessário. Não podemos simplesmente incinerar os criminosos.

A sombra de Weber se preparando atrás dele trouxe-lhe um surto de pânico.

Lena se deitou ao lado. Os olhos âmbar, brilhando. Concluiu com um sussurro:

— Seria um verdadeiro desperdício de carne.

Wilhelm Otto Schweiger não engasgou o gemido.





APRESENTAMOS O CONTO
EU SÓ QUERIA ESCREVER UMA HISTÓRIA DE TERROR!

Por Chico Araújo

Sobre o autor: Professor de Língua Portuguesa concursado da Secretaria Municipal de Educação - SEMED e da Secretaria Estadual de Educação - SEDUC, ambas em Manaus-AM. Como escritor, publicou o livro de contos "O lado escuro da Lua", pela Giostri Editora, em 2020. Em 2021, teve dois contos selecionados para participarem de duas antologias: a primeira é "Horror em domicílio", da Literatura Errante; a segunda, uma coleção da editora Ases da Literatura, de Portugal.

A cidade estava quente como o Inferno. O calor parecia vir de todos os lugares: parecia emanar do asfalto escaldante; descer das nuvens escuras que corriam baixas no céu, prenunciando chuva; sair dos esgotos com um bafo quente e fétido.

O homem alto e magro que se esgueirava pela multidão começava a se arrepender de ter ido para aquela cidade. Se tivesse ficado na sua própria casa, à beira-mar, com uma brisa fresca que soprava mesmo quando estava quente, não teria que enfrentar aquele Inferno na Terra. Ele nunca gostara do calor. Sempre preferira o clima frio e chuvoso. Mas ele não estava ali de férias: decidira se isolar de tudo, de sua família, seus amigos e as distrações que sua cidade lhe proporcionava, para poder finalizar seu livro. Ele estava escrevendo um romance de terror, mas, em casa, ele não estava conseguindo ter o sossego necessário para finalizá-lo, e o prazo que ele tinha para entregar o livro para a editora estava quase acabando. Sua esposa sempre estava reclamando de alguma coisa, seus filhos ficavam correndo pela casa e gritando o dia todo, sempre havia uma pia entupida ou uma torneira pingando para consertar. Ele não conseguia se concentrar. Sua esposa e seus filhos, com suas reclamações, suas correrias e suas gritarias, estavam deixando-o maluco. Assim, ele resolvera ir para uma cidade onde nunca estivera, onde não conhecia ninguém, para que não encontrasse nenhum tipo de distração que pudesse desviá-lo de seu propósito. Ele sequer havia escolhido um hotel antecipadamente. Simplesmente, iria para o centro da cidade e, lá, escolheria o hotel onde iria ficar. No centro da cidade, ele estaria perto de restaurantes, farmácias, supermercados e do que mais precisasse para atender suas necessidades.

Parou em um sinal e, impacientemente, esperou que abrisse para poder atravessar. O calor o estava incomodando: a camisa estava grudada em suas costas; o suor escorria de sua testa e, às vezes, entrava em seus olhos, fazendo-os arderem. Ele queria encontrar logo um hotel para poder tomar um banho e descansar um pouco, antes de se entregar ao trabalho.

Enquanto aguardava, olhou para o outro lado da rua. Lá, havia um banco, um pequeno restaurante, duas lojas que vendiam eletrodomésticos, várias lojas de roupas e um bar. Nenhum hotel. Pelo jeito, ele teria que andar mais um pouco naquele calor até conseguir encontrar um.

O sinal abriu e ele, rapidamente, quase correndo, ultrapassou algumas pessoas para chegar logo do outro lado da rua. Então, de repente, sentiu algo estranho. Um mal-estar

repentino apoderou-se dele. Sentiu uma espécie de dor em todo o seu lado direito; sentiu uma dor muito forte na cabeça, como se tivesse levado uma pancada; sentiu a vista ficar turva e escurecer por um instante. Ele pensou ter parado por um momento no meio da rua, mas não tinha certeza. Tão rapidamente quanto surgiu, a sensação desapareceu. Devia ser aquele maldito calor. Ele devia ter tido uma súbita queda na pressão. Quando voltasse para sua própria cidade, iria consultar um médico e fazer um check-up, só por precaução. Ao chegar na calçada do outro lado da rua, levantou a cabeça e, para sua surpresa, estava em frente a um hotel. Que estranho! Ele não havia visto aquele hotel antes de atravessar a rua. Talvez porque a entrada do hotel ficava espremida entre duas lojas. Olhando para cima, viu que ele possuía um pouco mais de dez andares, que se espalhavam por todo o quarteirão. Apesar da entrada modesta, quase escondida, o hotel era bem grande. Tinha um aspecto estranho, meio lúgubre, uma aparência extremamente antiga, parecendo um pouco sujo, mas ele achava que iria servir. Ele não estava procurando um hotel luxuoso. Só queria ter um lugar onde pudesse se afastar de tudo, desligar o celular e ter um pouco de sossego para poder se concentrar no seu livro.

O hotel não parecia ter um nome. Do lado de fora, acima da entrada, havia apenas uma placa meio desbotada com a palavra HOTEL, mas as letras O e T estavam faltando. Deviam ter caído da placa, assim como as letras do nome.

Ele entrou no saguão e dirigiu-se até a recepção. O recepcionista era um homem mais alto e mais magro do que ele próprio, com a pele extremamente branca. Parecia-se com Vincent Price em filmes antigos em preto e branco sobre Drácula. Sem dizer uma palavra, Vincent Price estendeu-lhe uma folha de registro para que ele preenchesse. Enquanto a preenchia, viu uma mulher, que parecia ser extremamente velha, sentada em uma cadeira de balanço fazendo algo que parecia ser tricô ou crochê. Ele nunca soubera a diferença entre os dois. Terminou de preencher a ficha e a entregou para Vincent – achou que um pouco de intimidade não seria ruim — e o esperou pegar a chave do quarto. Ainda sem dizer nada, o homem entregou-lhe a chave. O número do quarto era 1313. Se ele estivesse em Nova Iorque, provavelmente o hotel não teria o 13º andar. Aqui, parece que não havia essa superstição.

Ele virou-se, pegou sua valise de mão e se dirigiu ao elevador. Ao olhar para o lugar onde a velha senhora estava, viu que a cadeira se encontrava vazia, embora balançasse

suavemente. A velha não se encontrava à vista. “Velhinha ágil”, ele pensou, e apertou o botão para chamar o elevador.

Entrou no elevador e apertou o botão correspondente ao 13º andar. Esperou, pacientemente, enquanto o velho elevador iniciava uma lenta subida. A iluminação era fraca, deixando o ambiente em uma espécie de lusco-fusco. A metade superior da parede do fundo era espelhada e, ao olhar para o espelho, para arrumar o cabelo, viu o que parecia ser um rosto disforme se contorcendo como se estivesse em agonia, parecendo querer pular em sua direção. Ele deu um salto para trás, piscou várias vezes e, ao olhar novamente, viu apenas o seu próprio reflexo assustado. Seu coração batia loucamente no peito. Ao se acalmar um pouco, ele pensou que, devido ao fato de o elevador possuir um ar-condicionado, ele poderia ter tido uma espécie de choque térmico, daí o fato de estar vendo coisas. Além disso, o que ele vira deveria ter sido apenas um pouco de vapor no espelho, proveniente do calor que entrara quando as portas se abriram. Mesmo assim, evitou olhar para o espelho novamente.

Ao chegar no 13º andar, saiu apressadamente do elevador para um corredor silencioso e vazio. Aliás, naquele hotel, não se escutava nenhum tipo de barulho que, normalmente, se escuta em grandes hotéis: ares-condicionados, hóspedes tossindo ou conversando, camareiras fazendo a limpeza dos quartos. O hotel parecia se encontrar totalmente vazio. Exceto pelo Vincent Price na recepção. E pela misteriosa velhinha do tricô. Entretanto, parecia haver ali um tipo de som muito baixo, como se fossem sussurros, embora não parecesse haver ninguém por perto. Aquilo estava dando-lhe calafrios. Ele procurou ignorá-los, mas, enquanto seguia para o seu quarto, os sussurros pareciam acompanhá-lo. Ele entrou em um quarto estranhamente frio, considerando-se o calor que fazia lá fora. Achou que o ar-condicionado poderia estar ligado, esquecido por alguma camareira negligente. O quarto estava escuro. Ele tocou o interruptor, e uma luz amarelo-pálida inundou o ambiente. As paredes haviam sido pintadas com algum tipo de azul muito escuro. No chão, havia um tapete de cor indefinida com vários desenhos estranhos nele. O teto havia sido pintado com uma cor mais clara, uma espécie de rosa que, em algumas partes, parecia roxo devido às infiltrações. O quarto cheirava a rosas em decomposição e tinha um ar opressivo. O local inteiro transpirava decadência e transmitia-lhe uma sensação desagradável. Entretanto, ele só precisava de silêncio e tranquilidade para poder finalizar seu romance.

Ele abriu a mala, tirou uma camisa e uma bermuda e as colocou sobre a cama. Tirou seu notebook e o colocou em cima de uma mesa próxima à porta. Nesse momento, ele ouviu um barulho abafado, como se fossem passos. Ao virar-se, viu uma pessoa entrando no banheiro e acendendo a luz. Devia ser uma das camareiras. Mas como ela havia entrado no quarto sem que ele percebesse? Um pouco contrariado, dirigiu-se até o banheiro para perguntar se ela não poderia voltar depois. Neste momento, ele queria apenas tomar banho e descansar um pouco. Ao chegar lá, entrou e abriu a boca para falar, mas o que viu fez seu sangue gelar nas veias. O pequeno banheiro encontrava-se vazio, mas, no espelho do armário sobre a pia, ele viu a cabeça de uma mulher, os cabelos ruivos fartos. Porém, o seu rosto era uma caveira cinzenta, que parecia fitá-lo do fundo dos buracos escuros onde deveriam estar os seus olhos. Ele saltou para trás, batendo as costas na parede e quase caindo. Quando olhou novamente, a imagem havia desaparecido. A visão durou apenas um segundo, mas pareceu muito real. Ele saiu do banheiro com o coração aos saltos e teve que conter a vontade de pegar suas coisas e sair correndo dali.

Apesar do frio sepulcral que fazia no quarto – embora o ar-condicionado estivesse desligado, conforme constatou – ele começou a suar. Que diabos estava acontecendo naquele hotel? Procurando se acalmar, ele achou que um bom banho e um pouco de descanso o fariam se sentir melhor. Aquilo tudo devia ser apenas a tensão por querer acabar logo o livro. Além disso, a aparência lúgubre do hotel devia estar fazendo com que sua imaginação trabalhasse a mil por hora. Aquelas imagens deviam ser resquícios de algumas ideias que ele tivera para o livro e que não aproveitara. Ao entrar no hotel, mesmo inconscientemente, sua mente já começara a trabalhar na história. O ambiente fantasmagórico do hotel, aliado à sua imaginação, estava causando-lhe aquelas alucinações.

Ele tomou banho e, após certificar-se de que a porta estava trancada, deitou-se na cama. Seu corpo ainda estava um pouco dolorido, e a cabeça continuava latejando um pouco. Apesar disso, o cansaço foi mais forte e ele acabou caindo em um sono inquieto.

Acordou ouvindo um ruído estranho que parecia vir do andar de cima. Acendeu a luz do abajur que ficava ao lado da cama e olhou para o teto. Ainda com a visão um pouco embaçada pelo sono, ele achou ter visto as infiltrações tornarem-se maiores, movimentando-se sinuosamente, como se fossem cobras. O ruído que ele escutara, percebeu, eram sibilos, os mesmos que às vezes se ouve quando as cobras estão sondando o ar com suas línguas bifurcadas, procurando uma presa. Uma das “cobras”

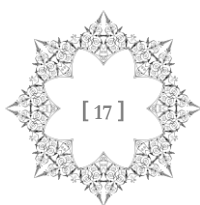
pareceu se destacar, uma massa escura que foi se tornando maior até que caiu do teto, fazendo um barulho surdo ao bater no tapete macio. Ele se encolheu, mas viu o resto de uma massa negra se arrastando rapidamente para debaixo da cama. No teto, os movimentos sinuosos pareciam estar ficando mais frenéticos. “Meu Deus, que maldito lugar é este?” – pensou. – “Não fico aqui nem mais um minuto, ou vou enlouquecer, se é que já não estou louco!”. Ele levantou-se – tendo o cuidado de olhar por onde pisava, — pegou suas coisas, jogou-as apressadamente na bolsa, vestiu-se e desceu até a recepção. Ele parou em frente a Vincent Price, que continuava no seu posto, e disse que queria fechar a conta, pois iria embora. O homem pálido olhou para ele e, pela primeira vez, falou. Sua voz era cavernosa e baixa, quase um sussurro, semelhante ao sibilar das cobras no quarto:

— O senhor não pode ir embora. Ninguém que entra aqui pode.

— Que loucura é essa? — berrou. — Por que não posso ir embora?

O homem pálido ficou olhando para ele, mas não respondeu. Ignorando-o, ele pegou suas coisas e dirigiu-se até a porta de vidro. Ao tentar abrir a porta, viu que ela estava trancada. Virou-se para o homem na recepção e o mandou abrir a porta. Sem dizer uma palavra, o homem apenas apontou um dedo comprido e ossudo na direção da rua. Quando ele olhou, viu várias pessoas aglomeradas ao redor de algo. Alguém estava caído no asfalto. Provavelmente, fora atropelado. Um carro do IML havia chegado. Os homens pegaram uma espécie de caixão usado para transportarem os cadáveres e o colocaram no chão, ao lado do homem inerte. Ao virarem o corpo, que estava todo ensanguentado, ele viu o rosto do homem e sentiu uma vertigem. Apesar do sangue que cobria quase toda a cabeça do homem, apesar de algumas partes meio moles, como se o osso houvesse afundado, ele o reconheceu. Involuntariamente, passou suas mãos pela cabeça, numa tentativa inútil de afastar o horror que começava a se apossar dele. Sentiu algo pegajoso e, quando olhou para as mãos, viu que elas estavam cheias de sangue. Ele estava sangrando! Sua cabeça latejou, e a dor no lado direito voltou a se manifestar, mais forte. Ele sentiu o corpo amolecer e achou que iria desmaiar.

Não podia ser! Aquilo tudo devia ser uma alucinação! Mas, no fundo, ele sabia que era real. Na rua, o homem que estava sendo levado pelo pessoal do IML era ele!





APRESENTAMOS O CONTO
LEMBRANCICES

Por Eduardo Henrique

Sobre o autor: Sessentinha, é funcionário público aposentado. Escreve desde sempre e quando deixou de se levar a sério resolveu que essa era a hora de publicar alguma coisa. Plantou uma árvore, teve uma filha e já publicou Ninguém me gosta em Poeira do Oeste, livro de contos e poemas, O canguru que um dia foi gente, livro infantil e participou de algumas antologias poéticas e antologias de contos e crônicas. Sempre gostou de histórias de terror e mistérios.

Tia Pina, tia minha, ida nos anos lembrados.

Na verdade, mais prima de minha mãe, mas por conta de avançada idade, chamada era de tia, enviuvada lá trás, nos quarenta e tantos.

Pegou a mania de ir todas as tardes ao cemitério e se perdia nas horas em companhia dos túmulos, pensando e repensando na ausência do bom marido sempre no sossego de casa, quando não viajando estava, atarefado no caminhão de sua posse.

Tão apegado era ao ofício que, justamente naquele instante da troca de pneu, a roda assassina, escapulindo do controle, decepou-lhe metade da garganta e assim se foi tio Liodoro.

Tia Pina todas as tardes ia ao cemitério, tanto que se tornou conhecida dos funcionários e, certo dia ao entardecer, um deles lhe disse:

— Dona Pina, vá para casa essa hora. Este não é um bom lugar para se passar um final de tarde, teve gente que já viu coisa estranha aqui dentro, andando no comecinho de noite.

Mas não, recado dado foi recado jogado fora. Tia Pina não aceitava que a morte lhe tivesse arrancado parte do coração num tempo em que tinha sido feliz.

Precisamente no esquecido das horas de uma tardezinha, a sina se cumpriu. A quase noite chegando veloz e tia Pina se esgueirando por entre as sepulturas e para encurtar o caminho resolveu que ia se retirar através do muro quebrado na rua detrás.

Não chegou a sair, barrada foi na parede pelo homem de chapéu e terno escuro que lhe pediu a ficha.

— Que ficha? Tenho nada não, senhor, vou é para casa agora.

— Não vai não, dona, nessa hora só sai daqui entregando a ficha para nós dois.

— Dois quem?

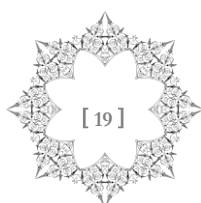
O homem, aquele, apontou outro acorçado ao lado que não tinha como assentar chapéu, vez que não havia cabeça alguma em cima dos ombros espremidos.

Tia Pina, tia minha, no desespero do instante lembrou-se do avisado no outro dia e, com a reza antiga dos ensinamentos de sua avó, começou um choro compulsivo.

No entanto, viu que os dois homens se afastavam no lusco-fusco plenamente estabelecido, enquanto ela se atirava na carreira por sobre o chão de terra batida, fora do cemitério.

Em casa, nada falou à filha, que viu a mãe de pavor estarecido no olhar jogar-se em desalento na poltrona.

Enquanto isso, nos quintais, a noite sem lua foi caindo nos conformes até virar breu.





APRESENTAMOS O CONTO
DUELO DE BESTAS

Por Henrique Valente

Sobre o autor: Valente, engenheiro civil de formação, escritor de alma. Filho de uma Portuguesa com um brasileiro. Apesar de ter nascido em Niterói-RJ, sempre morou na cidade do Rio de Janeiro, local de inspiração para muitos de seus contos. Preferiu manter sua literatura no anonimato, mas decidiu encarar o mundo em 2021. Em dezembro lançará seu primeiro romance. Instagram: h.a.valente

Sempre observei Julian. Sua aparência misteriosa e fria me atraía de uma forma inexplicável, apesar de seu aspecto sombrio. Nós pegávamos o mesmo ônibus na saída da faculdade, todos os dias, e tínhamos algumas aulas em comum. No entanto, nesse quase um ano, nunca nos falamos.

Um acontecimento, porém, compeliu nossa aproximação neste último mês. Julian saltava um ponto antes do meu, e a poucos metros deste local, uma cena de terror estava estabelecida. Eram quase onze da noite quando nos deparamos com três corpos literalmente dilacerados pelo que parecia um massacre selvagem.

— Que horror! Como pode alguém fazer isso? — Eu que sou marrom como a casca do coco, ficara branca como na parte de dentro.

Julian, que estava na minha frente, se levantou junto com a freada do motorista, mas não se abalou. Nem pela parada repentina, nem pelo sangue, nem pela forma horrenda com que se configurava aquela cena. As cabeças estavam todas decepadas e largadas na calçada. Os corpos estripados. Em um deles, com as pernas apoiadas no muro e o corpo no chão, podia-se notar as costelas, com suas aberturas forçadas, o ventre vazio; suas tripas e todos os demais órgãos espalhados ao redor.

— Não olhe, lara. — Foram as primeiras palavras que ouvira de sua boca. Apesar de madura, sua voz era doce. Ele me encarou com seus olhos escuros, que contrastava com a sua pele branca e desidratada, quase transparente. — Não olhe. — Repetiu.

Suas palavras me hipnotizaram e aos poucos as imagens daquela cena iam sendo substituídas pela de seu rosto que parecia ficar mais atraente a cada segundo. Ele virou-se de volta para a cena de horror. Afrontou a imensa bola branca no céu que iluminava os corpos e o sangue que refletia o brilho da lua cheia. Por fim, lambeu seus secos lábios, o que me causou estranheza naquele momento.

— Seres repugnantes! — Franziu a testa e depois gritou para o motorista sem virar a cabeça. — Motorista, ande logo, só pare no próximo ponto!

O ônibus partira e Julian acompanhou a cena até encontrar os meus olhos.

— lara, você está bem?

— Na verdade, não. — Eu respondo o óbvio.

— Percebe-se. Vou te acompanhar até em casa. Qual o seu ponto?

— O próximo, mas não precisa.

— Faço questão! O meu era aquele, de qualquer forma terei que saltar também. E, um cavalheiro não deveria deixar uma dama andar sozinha nestas condições, a esta hora da noite. Você parece que vai perder a consciência a qualquer momento.

E, de fato, Julian fora um *gentleman*, não imaginava que tipo de homem era. Muito menos que ele sabia meu nome. Me acompanhou até a porta de casa enquanto andávamos de braços cruzados como se me carregasse. Ele falou pouco, mas o pouco que falava era suficiente para me encantar, seduzir, ludibriar. Se já não estivesse seduzida antes disso tudo.

No dia seguinte, sentei-me ao lado de Julian na faculdade e em todos os dias subsequentes. Também estava em sua companhia nos regressos para casa, e apesar de ele insistir em me acompanhar até a minha porta, neguei todas os dias. Fui incisiva em relação a este ponto. Não sei se estava querendo me fazer de difícil ou se queria mostrar que não preciso de homem algum para me defender. Apesar de Julian ser um verdadeiro *gentlemen*, uma companhia super agradável e desejar que ele entrasse em minha morada e invadisse meu ser, o fato de ele ter lambido os beijos com aquela cena ainda pairava em minha memória.

Hoje, vinte e oito dias depois do incidente, Julian não veio. Sinto falta de sua companhia, de seu braço frio encostado no meu, sua voz melodiosa e o fato de me sentir viva ao seu lado. Estou sozinha no ônibus, quase literalmente. Uma senhora sentada na frente e um carrancudo de capuz no último banco de trás são as únicas almas presentes nesta viagem. O meu ponto de parada está próximo, aviso o motorista que para. Salto do ônibus, começo a caminhar, ouço o ônibus sair e sinto uma presença atrás de mim. Viro-me rapidamente e deparo-me com o homem que estava no ônibus a caminhar em minha direção. Acelero. Ainda sinto sua presença apesar de não ouvir seus passos. Antes de entrar em minha rua, olho para trás. Não vejo ninguém.

As imagens do mês passado vêm à minha mente. Me apavoro e começo a correr. A cada passo meu coração parece querer sair pela boca. O medo de ser invadida por um estranho ou ser dilacerada por um ser vil me toma por inteira. A cem metros de casa o inesperado acontece. O homem de capuz aparece a três passos de distância, parece ter pulado do telhado da casa à frente. Fico atônita.

— Você é minha! Vou te comer o pescoço e as entranhas.

Sua voz é grosseira. Sua fala termina com uma língua enorme lambendo a parte de cima da boca enquanto ele se transforma na coisa mais horripilante que já vi. Pelos cinzas

e secos, uma fuça horrível, enorme, sanguinário e cheio de dentes. Um monstro, um lobisomem que agora tem uns dois metros e meio de altura. De longe, sinto seu bafo quente e ele só precisou esticar o braço para tocar-me o gasganete.

Não sinto sua mão me apertar. Em vez disso, vejo seu coração saindo de dentro do peito enquanto uma pálida mão o segura. O sangue escorre pela mão que retorna por dentro da fera. O monstro, desligado de toda e qualquer sinapse, cai estatelado no chão, retornado à sua forma humana. Na minha frente, Julian.

Apavorada, aliviada e sem palavras, vejo aquele, agora, semideus, enquanto ouço suas palavras saindo entre seus grandes dentes afiados.

— Seres repugnantes! — Ele esbraveja encarando o coração com olhos sequiosos. Então, ele me fita. — Iara, não olhe. — Mas não há nada que me faça virar ou mesmo fechar os olhos.

Parecendo me preservar, ele se vira para devorar aquele coração. Sua sede é minha ruína. Enquanto ele se embebeda de carne e sangue, uma segunda fera voa sobre meu corpo, arrancando-me entranhas com os dentes. Demorou alguns segundos para Julian se embaralhar com a fera, mas é tarde para mim. Deitada no chão, vejo a lateral do meu ventre aberto, uma cavidade. Enjoada com o sangue e quase sem consciência, observo os dois monstros se digladiando.

A fera é ainda mais forte que a anterior. Ela deixa marcas das unhas na pele de Julian a cada patada. Braços, barriga, rosto. Julian parece estar apanhando, apenas se defende.

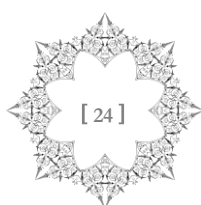
— Fêmea alfa, eu não te encontrei, mas você me encontrou. — Ele ri de forma marota, e com um movimento impossível de acompanhar, ele aparece em pé, em cima da besta peluda. Com os dois braços e o corpo arcado, com toda sua força ele tenta arrancar a cabeça da fera.

Eu estava vendo a cabeça sair de seu corpo, aquela bola de pelos ser decapitada, mas seus enormes braços seguram os de Julian. Com uma força brutal, a fera lança o corpo vampiresco ao chão. O lobisomem, agora, tem seu oponente imobilizado. Julian não consegue reagir com todo aquele peso em seu corpo e seus braços dominados.

A besta abre a boca para devorar a cabeça quando Julian observa o coração de seu oponente sair pelo peito. O vermelho do sangue se mistura com o marrom da minha mão segurando o músculo que ainda pulsa. O corpo da besta cai ao seu lado e volta à sua forma original, a velha do ônibus.

Encaro Julian ainda no chão.

— Como não olhar? — Minha voz ecoa pela rua deserta e escura, então devoro a refeição mais saborosa que já tive.





APRESENTAMOS O CONTO
A MALDIÇÃO DA MÚMIA

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 11 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos) e participou de 19 antologias (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era um Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Labirintos e Horror Além da Compreensão).

1886. Egito.

O olho de Hórus estava estampado sobre o umbral da porta de pedra escondida no fundo da ravina em um dos cantos obscuros e esquecidos do ciclópico Vale dos Reis! A tumba ainda estava selada.

Sir Vance mal conseguiu acreditar no que havia encontrado por acaso. Não havia sinais de ladrões de túmulos ali, parecia um lugar abandonado, evitado talvez fosse uma palavra melhor para descrever aquele lugar.

Seu companheiro, o velho Ahmed ao ver o que o jovem lorde havia encontrado tentou de todas as formas dissuadi-lo para que saíssem dali. O velho explicou, tremendo de medo, que era um lugar tabu, os olhos assustados e uma palidez mortal. Tinham que sair dali, não era bom ficar ali muito tempo. Havia uma maldição! Dizia o velho balbuciando palavras desconexas em uma língua que jovem lorde não entendia.

Sir Vance riu. Besteira. Não existiam maldições. Apenas velhas histórias contadas para afastar os ladrões de túmulos, ali haviam sido bem-sucedidas, era só isso o que eram.

Empurrou com as mãos a porta de pedra e para sua surpresa a mesma cedeu com uma estranha facilidade, abriu-se para dentro com um ciciar estranho e agourento.

Um vento frio e nauseabundo veio do interior do túmulo, o jovem quase perdeu os sentidos com o fedor asqueroso, o velho deu um passo atrás e rogou para que saíssem dali dizendo convicto que seria a morte de ambos.

Sir Vance não o ouviu, estava fascinado pela miragem do tesouro das múmias! Lera sobre as descobertas nos jornais e aquela porta à sua frente representava sua oportunidade de fama e riqueza.

Com passos tímidos entrou por aquela escuridão, acendeu uma tocha e iluminou o interior do mausoléu maldito. O chão e o teto polidos refletiam a luz tremeluzente da tocha. As paredes iluminadas pela língua flamejante desvendaram-lhe seus segredos milenares, guardados dos olhos humanos durante mais de quarenta séculos. Signos esotéricos antigos e terríveis surgiram e o jovem sentiu sua pele arrepiar-se com a lenta compreensão do que aquelas figuras entalhadas representavam. Não os sabia ler, o egípcio antigo com seus hieróglifos blasfemos era incompreensível, porém os desenhos abomináveis, as figuras hieráticas ali entalhadas não precisavam da sapiência de um professor de Oxford para sua tradução.

Tremeu ao reconhecer os contornos crocodilianos das figuras deificadas ali e a face absconsa e terrível daquele deus canino que guardava os portões do submundo egípcio! Descobertas abomináveis que o hipnotizaram, cobrindo-o com a cobiça característica dos caçadores de tesouros. Atravessou o átrio hediondo e o velho Ahmed seguiu-o com passos vacilantes. Encontraram uma abertura perpendicular, um corredor comprido e estreito que descia para as profundezas ocultas da terra, seus degraus continham entalhes do olho de Hórus, um aviso de que não deveriam seguir adiante. Novamente a cobiça venceu desceram por aqueles degraus amaldiçoados, nove vezes nove lances e mais três até a frente de outra porta fechada.

Hesitou! Temeu que a morte o viesse tragar e ficasse ali para sempre naquele mausoléu esquecido, mas só por um ínfimo instante. Empurrou a porta de pedra fria. A exultação daquele momento soberbo o fez enrijecer-se de prazer. Foi tomado pelo êxtase daquela descoberta fantástica! Quando a milenar porta se abriu ele sentiu o gozo da vitória atingi-lo em um êxtase profano! Ela deslizou com um ruído sibilante para o lado.

O odor pútrido e nauseabundo que golfou foi o suficiente para fazer com que o jovem perdesse os sentidos por um momento, talvez por isso não tenha ouvido outro barulho mais sutil, o deslizar terrível de outra porta que selou a entrada da tumba com um estalido seco e mortal!

Acordou nos braços do velho Ahmed, que balbuciava orações sem sentido.

Levantou-se e atravessou o umbral à sua frente desprezando os signos de abjuração que exortavam vivamente todo aquele que ali chegasse à voltar sob pena de perder sua alma. Eram signos por demais antigos, não os sabia ler.

Avançou, seus passos retiniram pelas lajes de pedra da câmara mortuária que abria sua boca negra à frente. As paredes e o teto refletiam as línguas de luz da tocha ardente pelos rostos milenares de deuses crocodilianos e caninos e por uma miríade de outros rostos antropomórficos que já não a usavam há mais de quarenta séculos.

No centro do aposento sombrio, retangular repousava um sarcófago alto folheado à ouro e com o desenho de um rosto belo e feminino.

Uma rainha de antigamente, adormecida em seu sono de eras, pensou o jovem.

Aproximou-se ansioso do sarcófago e sem medir as consequências de seus atos empurrou a tampa. O velho tentou detê-lo, inutilmente. A ânsia da descoberta comprimia seu coração com garras cobiçosas.

A tampa do cenotáfio caiu com estrépito terrível reverberando pela câmara com um som sinistro revelando seu interior abominoso. O jovem cambaleou com os eflúvios miasmáticos que evolaram do interior do caixão, mesmo assim debruçou-se para olhar seu interior consumido pela curiosidade. A múmia que repousava inerte era pequena, mera criança talvez ou mulher muito jovem que morrera na flor da idade, estranhas faixas de metal cobriam seu corpo, dos pés ao pescoço, como se a atassem em uma esotérica e enigmática prisão.

Sobre o rosto uma magnífica e ornamentada máscara de ouro fosco recobria as feições. Sem pudor o jovem levou as mãos trêmulas aquela máscara fantástica e a retirou com cuidado desusado. O rosto que contemplou poderia ter sido belo quando ainda estava viva, as feições finas indicavam uma ascendência muito diversa daquelas linhagens egípcias que haviam governado as terras ao redor do Nilo. Cabelos loiros e compridos fluíam em uma catarata por seus ombros.

Sir Vance foi tomado por uma emoção indizível, um amor e um horror que se rivalizavam e lutavam dentro de si. Talvez se a libertasse de suas amarras metálicas pudesse vê-la melhor. Chamou o velho, que veio tremendo de horror, e juntos começaram a abrir os pinos das antigas fechaduras que prendiam as faixas do cadáver.

Quando o velho, à contragosto, abriu a faixa que liberava uma das pequenas e frágeis mãos, foi com surpresa pavorosa que o jovem viu a mão mover-se em um esgar hediondo e agarrar o braço do velho que não conseguiu reagir àquele aperto férreo.

O jovem pulou e ia tentar ajudar o velho quando a coisa abriu os olhos, amarelos e injetados e com um espasmo louco trouxe a mão do velho ao alcance de sua boca nauseabunda e aberta, que emitiu um barulho horripilante que lhes enregelou o sangue.

O som que vinha daqueles lábios secos e mortos, o gemido que se ergueu e tomou conta de tudo o fez recuar assustado!

Nunca ouvira um som tão degenerado como aquele brotando de lábios que um dia foram humanos. Uma mistura corrupta do rosar de um animal selvagem com palavras ininteligíveis ditas por uma mente que já não era humana!

O grito de dor do velho tirou-o de seu estupor. O sangue brotava da mordida da mão do velho que lutava com todas as suas forças para escapar do aperto da criatura.

Sir Vance correu em seu socorro libertando-o daquele aperto fatal.

Afastaram-se assustados do esquife enquanto a coisa lutava para se libertar das amarras metálicas que ainda a atavam à sua prisão.

O jovem encostou-se na parede, tremendo de medo. Não acreditava no que estava acontecendo. O velho estertorava no chão, consumido pela dor e pelo veneno que corria em suas veias em direção ao seu coração.

Com horror o jovem decidiu colocar a tampa sobre o esquife para trancar aquela coisa novamente em sua prisão milenar. A múmia contorcia-se e grunhia como um animal raivoso, com os olhos famintos fixos nele.

O velho com suas últimas forças o ajudou a levantar a tampa e recoloca-la no lugar.

Do interior do esquife golpes mecânicos e ocos soaram, o barulho infernal ecoou pelo corredor como um augúrio monstruoso! Sir Vance deixou-se cair de encontro à parede, avassalado pelo torpor do esquecimento, desfaleceu.

Acordou assustado e o horror da câmara mortuária veio sobre ele com o martelar mecânico e ritmado das batidas dentro do esquife. Olhou ao redor, no tremular das chamas da tocha, quase no fim, viu o vulto do velho caído perto de si.

Tomou seu pulso, estava morto! Arrependimento cruel tomou conta dele. Subitamente o corpo tremeu e seus olhos abriram-se. Desvairados, arregalados e fundos fixaram-se ávidos no jovem como uma fera faminta! Em espasmos o velho levantou-se, as mãos crispadas! Com um movimento violento e um estalar de dentes emitiu o mesmo ruído aterrador que a coisa maldita do esquife e jogou-se sobre o jovem.

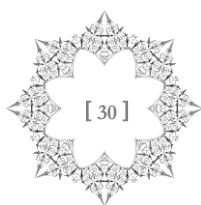
Sir Vance, o medo vestindo-o com sua capa horrenda, desviou-se, procurou algo para proteger-se, tateando encontrou um pedaço de picareta, deixado ali pelos construtores daquele túmulo maldito.

A sorte mais do que a perícia guiou sua mão que balançou o pedaço de ferro diretamente sobre o rosto ávido do velho, quebrando a mandíbula e fazendo com que os fragmentos de osso perfurassem o cérebro. A coisa caiu para trás com um baque surdo e não se levantou. Tremendo de pavor o jovem apoiou-se na parede fria e pegou a tocha quase apagada. O horror de ficar preso ali com a coisa do esquife foi superado pela constatação que logo iria ficar na escuridão. Correu para os degraus!

Quando pisou o primeiro degrau a tocha apagou-se, a escuridão veio como onda gelada e aterrorizante que o sufocou. O medo irracional e voraz caiu sobre ele!

Subiu em pânico as escadas, mergulhando naquela escuridão densa, caindo e se levantando, até à câmara superior. Atravessou-a e percebeu que a porta estava fechada. Um grito assustado veio de seus pulmões envergonhados. Seu coração parou por um instante cruel! Ouvira algo nas trevas! Um barulho quebrou o silêncio, o som arrastado da

tampa do esquife sendo derrubada e o tinir metálico das amarras sendo rompidas. Um gemido lúgubre subiu pela escadaria. O som pavoroso da coisa maldita e faminta se arrastando pelos degraus, subindo em sua direção de dentro daquela escuridão atroz! Desabou no umbral da porta. E rezou por uma morte rápida!





APRESENTAMOS O CONTO
NOSFERATU

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 11 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos) e participou de 19 antologias (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era um Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Labirintos e Horror Além da Compreensão).

Antônio olhou o líquido dentro do copo!
Estava frio!
Aquilo o deprimiu. Será que agora seria sempre assim?

Aquele século passara tão rápido, ainda ontem corria pelas terras da fazenda do pai, hoje já era uma coisa imortal, uma lenda viva!

Deixou o copo sobre a mesa de vidro e foi até a varanda do apartamento.

O céu da noite estava carregado de sons e cheiros, uma miríade confusa, uma babel sem sentido.

A cidade mudara, Recife Velho envelhecera afinal, se tornara mais selvagem com a idade, mais impessoal, até mesmo para ele que já caminhava por aquelas ruas a mais de um século.

E não havia muitos como ele agora!

Olhou para cima.

A abóbada pavimentada de estrelas surgiu além da luminosidade ofuscante artificial da cidade.

Seus olhos sempre se maravilhavam com aquele esplendor!

Aquilo o revigorava.

Um dia talvez voasse até lá para ver do que as estrelas eram feitas.

Com um passo abriu as asas membranosas e pulou para o céu de cobalto escuro.

Naquela noite queria apenas caçar, estava cansado daquele alimento artificial, não lhe matava a fome de verdade, era apenas um líquido ralo e sem gosto.

O ar da noite veio forte enchendo seus pulmões com o odor da caça!

Do sangue fresco e quente dentro dela!

Isso ele desejava mais que tudo.

Voou pelos telhados como um retalho de sombra, evitando as luzes e as câmeras, não gostava daquela intromissão blasfema, aquela necessidade que os homens tinham de tudo ver e tudo controlar!

Ainda que sua imagem ou reflexo nunca pudessem ser capturados por aqueles olhos mesquinhos e ávidos, mesmo assim ele não gostava delas, devoradoras de sua liberdade!

Seu voo errático o levou para o topo das árvores de um parque perto do centro da cidade, outrora fora chamado de Largo do Chora Menino, hoje não sabia mais que nome haviam lhe dado.

Pousou em um galho e esperou.

Ainda não era meia-noite!

Riu consigo mesmo da própria superstição.

Que coisa tola.

Caçar apenas depois da meia-noite.

Mas gostava dessas regras caseiras, tornavam o ato mais... legítimo!

Não hoje! Hoje estava faminto!

Vinha se alimentando daquele líquido insípido e artificial fazia meses, hoje iria quebrar sua dieta.

Passos reverberaram pelos paralelepípedos do caminho abaixo de si.

Respirou fundo inalando o perfume sutil do sangue da moça. Delicioso!

O prazer que aquilo lhe proporcionava chegava a ser libidinoso.

Desceu alguns galhos e observou melhor sua presa.

Era apenas uma moça recém saída de alguma escola noturna ou voltando do trabalho.

Magra, os cabelos compridos, soltos, o corpo esguio, o andar sensual.

la descer para o chão quando outro odor chamou sua atenção.

Um odor pútrido, um fedor de álcool misturado com outros venenos mais hediondos.

Um esgar de fúria passou por sua face.

Outro predador estava atrás de sua presa.

Desceu pelo tronco da árvore como uma gigantesca aranha negra e observou a sombra que se aproximava sorrateira.

Não queria um coração cheio de medo ou pavor, queria beber as palpitações leves e tranquilas que ela lhe poderia oferecer.

Com cuidado para não espantar sua presa ele metamorfoseou-se em névoa e voou em direção ao ladrão.

Seus olhos vermelhos de raiva pela interrupção cravaram-se nos olhos do outro, prenderam-no em um encantamento mortal.

O homem enrijeceu, seu corpo deixou de obedecê-lo, mas sua mente ainda estava viva e sã, ele sentiu tudo.

Antônio passou a língua pelos dentes pontiagudos em um gesto de desprezo, saboreando o medo que se estampava na face do outro.

Não era aquilo que tinha em mente quando saíra para caçar, mas seu desejo pelo sangue da moça era tão forte que interpôs-se entre ela e seu algoz.

Aproximou-se da vítima, paralisada, e passou seus dedos frios pela carótida que pulsava, gritando de medo com toda a força daquele coração impuro.

Era um coração forte, o sangue mesmo cheio de veneno iria alimentá-lo por dias e de certa forma saciaria sua ânsia.

Poderia apreciar a moça com mais cuidado! Como um bom vinho!

Mergulhou os dentes ávidos no pescoço do homem e o bebeu inteiro.

O sangue vivo e quente o alimentou e confortou.

O espasmo de prazer o preencheu!

Como era delicioso caçar.

Nada se comparava a isso.

Mesmo depois de tanto tempo aquele ainda era seu prazer supremo.

Depois de saciado abandonou a casca vazia e procurou a moça.

Seu odor estava fraco, ela se fora.

Exultou! Iria caçá-la!

Seguiu seu cheiro pungente até um ponto de ônibus vazio.

Ali ele misturava-se à tantos outros que ficou um pouco perdido.

Os perfumes que usavam misturavam-se, doces, cítricos, almiscarados, eram como um labirinto de odores, mas o dela era sutil e provocante, o suor que porejava de sua pele era indescritível e único e ele logo descobriu sua direção.

Voou sobre as casas seguindo-a quase com concupiscência.

A sombra do ônibus o precedia por minutos.

Perseguiu-o exultando de prazer como uma pantera perseguindo um antílope.

Afinal ela desceu do ônibus.

O lugar era um bairro da periferia, tão longe que ele imaginou que nunca havia estado ali antes em todas aquelas décadas que vivera naquela cidade.

Cães ladravam desesperados para sua sombra mefítica, mas calavam-se quando ele se aproximava.

Seguiu-a pela rua estreita e tortuosa medindo seus passos e deliciando-se com o andar gingado dela.

Quase poderia sentir seu próprio coração bater descompassadamente, se não estivesse morto!

Ela entrou em uma casa simples.

Antônio a observou fechar a porta, uma luz se acendeu.

Ouviu vozes, a mãe a chamava, conversaram.

Outra luz, do quarto e depois apenas o silêncio da noite que aguardava.

Ele a viu trocar de roupa pelas frestas da janela de madeira, a pele branca contrastando com as veias azuis ornando os seios tímidos e rijos.

Antônio arranhou a janela.

O som arrastado a assustou e ela olhou para ele mesmo sem vê-lo.

Ele olhou-a em seus olhos amedrontados, castanhos e profundos, perdeu-se neles por um momento.

Vivera tanto e ainda sim aqueles momentos lhe eram tão preciosos.

Sussurrou para ela, sua voz ronronando como a da pantera antes do bote, encantando-a com suas promessas luxuriosas.

Ela abriu a janela, estava quente e o ar da noite estava morno.

Antônio sorriu!

Seu rosto tomou forma na névoa que cercava a casa, seus olhos negros mergulharam dentro dos dela trazendo o torpor lascivo e mortal que antecedia o banquete.

Ele perguntou.

Ela concordou lânguida e ele entrou como as águas de um rio gelado.

Sua forma ficou diante dela, pequena e frágil, como um rochedo impassível.

Podia sentir o coração dela batendo forte, assustado, bombeando o sangue lípido por suas veias jovens, viu seus lábios se entreabrirem na expectativa da osculação mágica!

Aproximou-se e com a languidez premente de sua fome voraz beijou-a.

Os lábios dela tinham o gosto de frutas silvestres, de mocidade e de vida!

Sorveu seu hálito deixando-a sem fôlego.

Tomou-a nos braços, em um abraço voluptuoso e mergulhou suas presas lubricamente na carne branca e virgem de seu pescoço.

A artéria explodiu como uma baga madura entre seus dentes e seu sumo delicioso e quente escorreu pelo seu queixo.

Antônio demorou-se no ato de beber!

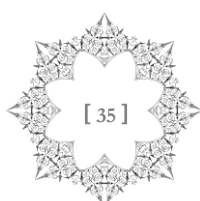
Até que a secou completamente. Seu sabor único seria somente dele.

Deitou-a na cama com um carinho desusado e beijou-lhe os lábios mortos!

Voou pela janela para a noite que continuava.

Afinal aquela era sua natureza!

Era e eternamente seria um vampiro!





APRESENTAMOS O CONTO NA GOELA DO DIABO

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pela história "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de cem antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Chamava-se Antônio da Silva.
Estava certo de ser homem sensato.
Afinal, formara-se em ciências exatas.

Com muito sacrifício, fora sozinho para a cidade grande após cumprir seu tempo de alistamento no Exército. Trabalhara, completara o segundo grau, passara no vestibular e, enfim, formara-se. Cumprira o sonho de seus pais em ver um filho "doutor" e o próprio de fugir à dura vida no campo. Conhecera uma moça, comprara uma boa casa, contraíra matrimônio e tornara-se pai de uma filha.

*Um homem que vencera na vida e deixara seu passado de dificuldades para trás.
Deveria ser assim.*

Contudo, um fragmento do passado — negro, úmido, frio e apavorante — teimava em segui-lo, especialmente nas noites chuvosas quando as horas faziam-se longas e tudo o que havia diante de Antônio era o teto na escuridão.

*E, se a insônia era um tormento frequente, o adormecer e os sonhos eram piores.
Lá fora, desabava um temporal.*

Quando eu era criança, a alguma distância de casa, no sítio onde morava com meus pais e irmãs, havia um poço. Era do tempo do meu bisavô e continuava a fornecer água para a família e os animais de criação. Cansei de tomar banho de canequinha e bacia ao seu lado. Era rodeado por uma mureta de tijolos de barro cuja altura atingia o meu peito. Sobre duas vigas, um telhadinho fazia sombra acima dele. Era a casinha do poço, pensava eu.

Meus pais nunca cansavam de alertar para eu não tomar água direto do poço.

— Por que, mãe?

— Você pode ficar doente.

— De que jeito?

— Dos germes, Tonho — explicou meu pai.

— O que é germe?

— É aquilo que dá doença, nó nas tripas.

— Caganeira?

— Tonho! — ralhou minha mãe. — Onde você aprendeu isso?

Eu me calei, de olho no meu pai. Ele ficou roxo, querendo rir, mas não ia se entregar tão fácil.

— Não lembro — menti.

— Pois vai ficar de castigo! Uma hora olhando pra parede. E não se esqueça, moleque: água boa pra beber só do filtro de barro!

O que meu pai tinha de manso, minha mãe tinha de braba. Mas sei que, no fundo, me amava. Batia, mas depois soprava.

Para evitar de eu me aproximar demais do poço, meu pai me contou uma antiga história. Ele ouvira de seu pai que, por sua vez, escutara do meu bisavô.

Na época em que o poço estava sendo cavado, um dos homens que trabalhavam nele, de repente, sentira o fundo lamacento ceder e fora tragado pelo lençol freático. Do infeliz, nunca mais tiveram notícia. Meu bisavô — homem severo, sovina e metido a valente — chamara outro sujeito e mandara continuar a obra. Revestiram o interior de tijolos, cobriram com o telhado; colocaram uma corda, o sarrilho, a manivela, um balde de madeira com um peso embaixo e a tampa. Mas, mesmo o bisavô levava um bom tempo até fazer uso da água. Durante esse período, dizia-se, escutavam barulhos dentro do poço como se alguém quisesse sair. Logo lembraram do trabalhador desaparecido. Contavam que se tornara um morto-vivo e, de tempos em tempos, subia pelas paredes do poço, desejando sair, mas não conseguia por causa da tampa, trancada a cadeado. Pelas costas do meu bisavô, os roceiros apelidaram o poço de "Goela do Diabo". Quando finalmente começaram a puxar água, era costume da pessoa fazer uma reza antes de jogar o balde a fim de acalmar o defunto. Ai da criança que chegasse perto demais da goela! Era apanhada pelo morto-vivo e afogada nas águas escuras, onde a luz do sol nunca chegava e tudo era medo e desconhecido. Isso era mais do que o bastante para manter a molecada afastada. Claro, para mim funcionara também. Em minha cabeça, pensava numa espécie de corpo-seco — só que molhado — coberto de lodo, retalhos de roupa e vestígios de carne podre, rastejando parede acima, faminto por carne tenra de pivete.

Independentemente da fatalidade, poço era algo que habitava o imaginário das pessoas do interior. Por ser um canal até as profundezas inacessíveis da terra, viam nele a metáfora de um túnel, algum tipo de passagem para um outro mundo. As pessoas tanto podiam atravessá-lo, quanto coisas sobrenaturais dele poderiam emergir. Olhar para dentro de um poço sempre despertava um medo instintivo.

Ao me tornar adolescente, tornei-me o encarregado de apanhar a água.

A mureta, agora, chegava pouco acima da cintura.

Era cansativo. Precisava fazer quase dez viagens do poço até em casa para conseguir encher um latão. Entretanto, não reclamava. Era como um rito de passagem, pois tratava-se de um serviço de homem, de responsabilidade.

A lembrança da história do morto ainda permanecia fresca na memória. Porém, já não a levava tão a sério, ainda mais após ter recolhido centenas de baldes. Contudo, pelo sim, pelo não, antes de iniciar o serviço na "Goela do Diabo", sempre fazia o sinal da cruz.

Um dia, amanheceu cinzento e frio. Caía uma chuva fina do céu, daquela bem chata que custaria a passar, mas que era uma bênção para as plantações. Meu pai saía para trabalhar na roça, minhas irmãs ajudavam na cozinha. Minha mãe se virou para mim e falou:

— Tonho, vai pegar água.

Reclamei.

— Tá chovendo!

— Por acaso vou lavar a louça e as roupas na chuva?

Na verdade, até pensei nisso, quero dizer, numa forma de captar a água da chuva para poder aproveitá-la em casa. Menos fruto da genialidade e mais da preguiça. Não por acaso, dizia o ditado, a preguiça era a mãe da invenção. Deve ter sido o primeiro projeto do futuro engenheiro que eu viria a me tornar. No entanto, naquela hora, não havia tempo e nem material para concretizar tal ideia. Tampouco a impaciência de minha mãe ajudava. Então, lá fui eu vestido de capa de chuva e botina nos pés, torcendo para não escorregar na lameira e sujar-me todo. Numa mão, levava um guarda-chuva; na outra, um balde plástico. Normalmente, carregaria dois baldes, mas a chuva atrapalhou. Resmungava pelo caminho, ciente de que, daquele jeito, levaria o dobro do tempo para concluir o serviço.

Em retribuição, a chuva piorou.

— Tá brincando? — queixei-me para as nuvens a meio do caminho.

Assim foi que eu fiquei no leva-e-traz, perguntando-me do porquê não instalar uma bomba que puxasse a água direto para dentro de casa.

Sim, meus projetos fervilhavam.

Quando, apesar do frio, me encontrava tão encharcado de suor por dentro quanto de chuva por fora, desisti do guarda-chuva e apanhei mais um balde. Não faltava muito para encher o latão. Cuidei de acelerar as coisas. Girei depressa a manivela e enchi um

dos baldes de plástico. Depois, atirei o balde de madeira do poço para dentro da garganta escura.

E aconteceu.

Em vez do barulho normal de água esborrifando, deu-me a impressão do balde se chocar contra algo diferente. Na hora, não pensei em nada, exausto que estava, chuvarada batendo no rosto, o vento açoitando as árvores próximas, o lamaçal no caminho. Só queria terminar de encher a droga do latão.

A história do corpo-seco-molhado só me retornou à memória ao passar a girar a manivela, para trazer de volta o balde.

Estranhei de imediato.

Apesar dos braços cansados e dos ombros doídos, tive a nítida impressão de que o balde ficara mais pesado do que o normal. A medida em que eu girava a manivela e a corda dava mais e mais voltas no sarrilho, alguma porção do meu cérebro alertou: havia algo bastante errado. Prendi a manivela na trava e, intrigado, olhei para dentro do poço. Como seria de se esperar, não enxerguei coisa alguma. Mesmo em dias ensolarados a luz não alcançava o fundo por causa do telhado. No clima nublado, pior ainda. Fitei a escuridão. Ela olhou para mim. Fui tomado pelo sentimento de estar defronte a um túnel para outro lugar. Senti um calafrio na nunca. Esparramou-se feito fogo num rastilho de dinamite e explodiu quando uma lufada de ar frio atingiu meu rosto, vindo de baixo. Cheirava a lodo e a outra coisa. Então, tiver certeza: algo me observava lá do fundo. Imediatamente, liberei a trava e a corda desenrolou, descontrolada. Não esperei para ouvir o impacto n'água. As pernas viraram roda e corri para casa, esquecido do balde cheio, do balde vazio e de que largara o poço destampado e o balde de madeira no fundo. Escorreguei e caí algumas vezes no caminho. Ao chegar na entrada de casa, era mais lama do que gente.

Minha mãe fez cara feia.

— Vai já tomar banho! — gritou.

Ofegante e amedrontado, não tive condições de contar minha história.

Meu pai viu o poço aberto ao retornar para almoçar. Recolheu o balde. Colocou a tampa. Trancou o cadeado. E, a sua maneira, passou-me um sabão por ser distraído.

Passei o resto do dia de cara fechada, confuso e assustado.

Naquela noite, tive o sonho mais aterrorizante de minha vida até então. Tudo era escuridão. Seria silencioso se não fosse o ruído persistente de gotejar. No meio das trevas,

algo se mexia. Não conseguia ver, entretanto, sabia que era molhado, gosmento, pútrido. Não consegui fugir, pois estava preso. Sentia através do tato a parede úmida e circular de tijolos. Cada segundo arrastava-se por uma eternidade. No momento em que o bafo da respiração atingiu meu rosto, despertei gritando.

Dali em diante, mandei às favas o rito de passagem. relatei o ocorrido e não houve bronca que me fizesse descer novamente até onde o poço estava. Minhas irmãs riram. A incumbência retornou ao meu pai e este, por sua vez, mandou-me cuidar dos porcos. Depois, contou não ter nada de errado no poço, porém, foi traído pelo seu semblante: vi o mesmo temor que me fora incutido na infância. Usar aquela água tornou-se motivo de preocupação para mim. Imaginava se não teria algo do antigo cadáver dentro dela. Bebê-la, então, ainda que filtrada e fervida, dava-me náuseas. Fazia-o por absoluta necessidade.

Embora amasse meus pais e irmãs, dei graças a Deus quando fui servir o exército. Dali em diante segui minha vida e só voltaria ao sítio para visitas, sempre acompanhado de minha garrafa de água mineral.

Variações daquele pesadelo vez ou outra perturbavam-me o sono. Achei que, com o passar dos anos e a idade, tudo passaria.

Ledo engano.

Por que escrevo isso?

São quase três da madrugada.

Eu estou no escritório em minha casa.

Minha esposa e minha filha dormem na paz.

Vivo na cidade, distante do sítio, da horta, dos pomares, da roça... do poço.

Se ao menos o maldito temporal parasse!

Tem sido difícil para eu dormir. Não se trata apenas da insônia ou da chuva, mas dos sonhos. Estão se tornando cada vez mais vívidos desde que — numa propriedade onde eu, enquanto engenheiro civil, projetava e supervisionava a construção de uma mansão — perfuraram um poço artesiano.

A água jorrou do aquífero feito petróleo e, subitamente, parou.

Os técnicos não conseguiram explicar o fenômeno.

Era como se algo tivesse obstruído o fluxo.

Disfarcei e fiz o sinal da cruz.

Um tremor incontrollável se apossou do meu corpo. Custei a manter minha postura de homem inteligente, formado e sensato. Por dentro, queria fugir dali tal qual daquela vez no lamaçal.

Do mesmo modo inexplicável que a água sumira, reapareceu depois.

Durante a noite — e aquelas que se seguiram — os pesadelos retornaram mais e mais intensamente. Não sei por que razão. Será pelo fato de ter soltado a corda e feito cair o que nela estivesse pendurado? Não tenho culpa... Tive medo! Pergunto-me se, no intervalo de tempo em que fugi para casa e meu pai tapou o poço, alguma coisa subiu através da corda e escapou da “Goela do Diabo”... Por que eu? Por que agora? Por descender de meu bisavô?

Não sei o que acontecerá daqui em diante.

Chamem-me de louco ou não, registro aqui estas palavras. É o meu testemunho. Talvez a petulância urbana refira-se a isso como "coisas de caipira", "crendices" ou "histórias do campo". Porém, se sentissem na pele e na alma o que tenho sentido, as piadinhas morreriam num grito abafado de desespero.

Relutante, Antônio da Silva, o engenheiro civil, assinou seu relato, dobrou as folhas de papel e colocou-as em um envelope sobre a escrivania. Foi para o quarto da filha e beijou-lhe o rosto. Ela se remexeu, incomodada. A seguir, foi para seu próprio quarto, tomou um calmante, deitou-se ao lado da esposa e beijou-a nos lábios. A mulher, que àquela altura, risonha fazia horas, não deu mostra de perceber. Então, rodeado pela escuridão, olhar fixo no teto, Antônio adormeceu.

O pesadelo retornou mais forte do que jamais tivera.

Cercado pelas trevas.

O círculo de luz lá no alto.

A atmosfera fechada e úmida.

Desesperança de não ter aonde ir.

O odor de terra molhada e carne podre.

Pés agitando-se na água e no desconhecido.

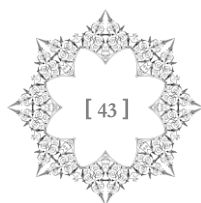
Alguma coisa nadou, subindo, vindo, chegando.

Diferente dos demais pesadelos, enfim, foi apanhado.

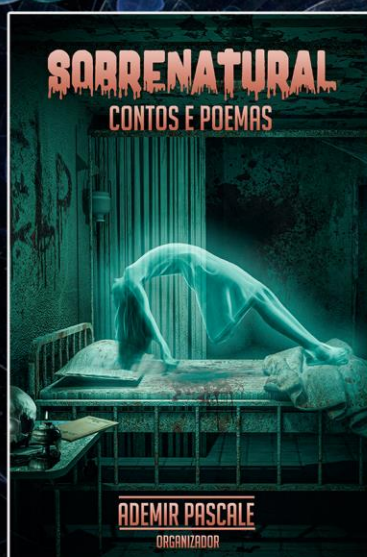
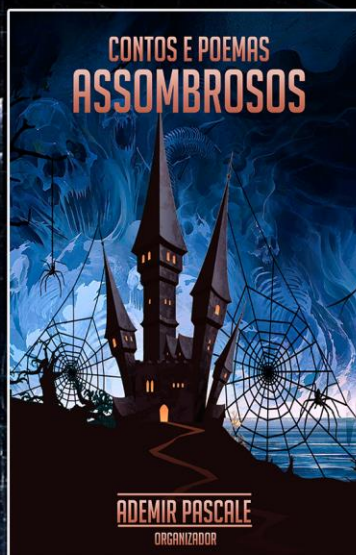
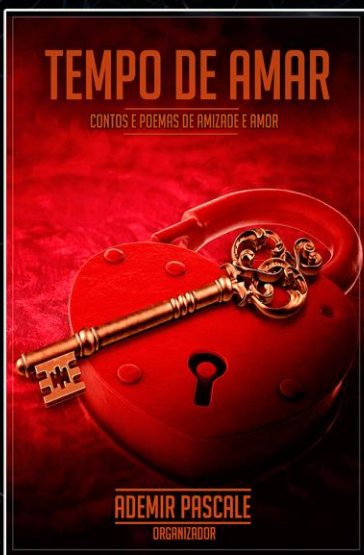
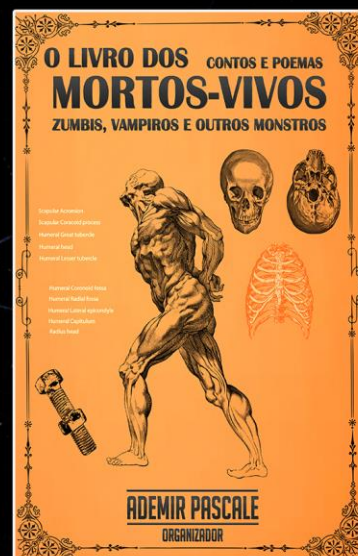
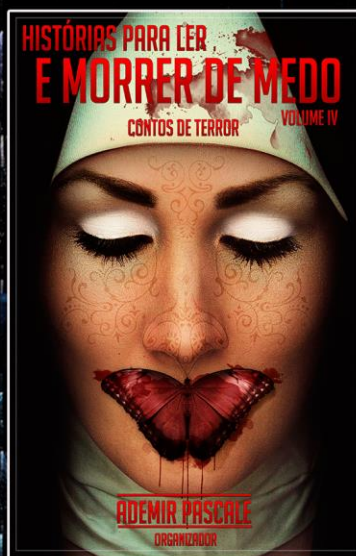
No atestado de óbito, constou só "infarto do miocárdio".

Entrementes, a viúva lera as anotações deixadas pelo falecido. Também vira em primeira mão a expressão do cadáver. Em meio a sua tristeza, por mais cética que fosse, não tinha como negar.

Era a fisionomia de um homem perplexo diante do puro horror.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI